

O patinho feio espanhol: a construção do herói esportivo e o *páthos* da admiração

The ugly duckling spanish: the construction of the sporting hero and the *pathos* of admiration

Carlos Jáuregui*

Resumo

Este artigo se propõe a refletir sobre a construção do *páthos* da admiração pelos heróis esportivos, dando sequência à pesquisa de mestrado (JÁUREGUI, 2010) dedicada ao estudo da *patemização* na cobertura esportiva. A partir de aportes das ciências sociais e da proposta de Charaudeau (2010) para o estudo discursivo do *páthos*, tratamos de compreender a forma como se constrói, em notícia publicada no portal eletrônico *Globo.com* durante o Mundial da FIFA de 2010, a figura heróica do futebolista espanhol Carles Puyol e o sentimento de admiração a ele dispensado.

Palavras-chave: Análise do discurso; Heróis; Jornalismo esportivo; Paixões.

Prognósticos

Composto principalmente por enunciados declarativos, o discurso jornalístico tem como principal função relatar os acontecimentos do mundo social, mostrando e explicando as transformações no estado das coisas

* Mestre em Linguística do Texto e do Discurso pela UFMG, bolsista CNPq.

publicamente relevantes. Assim, diferentemente das artes, a mídia informativa não teria como finalidade primeira tocar as paixões e interferir nos estados da alma. Há, contudo, uma modalidade jornalística que pode contribuir para a relativização desse suposto ponto pacífico no imaginário sobre a atividade.

Falamos aqui do jornalismo esportivo, usualmente rotulado como um “discurso apaixonado”, em que narradores, cronistas especialistas e até mesmo repórteres deixam a emoção falar mais alto do que a razão, comprometendo, em alguns casos, a factualidade de seus relatos. E, talvez por não parecer tão séria quanto o imaginário que o bom jornalismo requer, a cobertura esportiva e suas paixões acabam sendo desprezadas por parte significativa dos estudos das áreas da comunicação e da Análise do Discurso (AD), que se voltariam mais para os cadernos de política, de economia ou cultura.

Considerando essa lacuna, temos dedicado alguns trabalhos ao estudo das paixões no jornalismo esportivo e refletimos sobre dois questionamentos ligados à questão:

- 1) até que ponto o discurso jornalístico não tem mesmo o objetivo de tocar as paixões de seu público?
- 2) até que ponto a cobertura esportiva, supostamente ou comprovadamente tão apaixonada, pode ser considerada jornalismo?

Nessa perspectiva, propomo-nos, com este artigo, a retomar parte de um percurso teórico desenvolvido em pesquisa de mestrado (JÁUREGUI, 2010), que se dedicou ao estudo dos processos de *patemização* – comunicação de paixões – no discurso da mídia esportiva. E também retomamos a articulação construída durante a pesquisa entre a proposta de Charaudeau (2010) para o estudo dos *pathé* no discurso e hipóteses da antropologia e a sociologia do esporte.

Em função de limitações de espaço, não será possível refletir neste artigo sobre os muitos tipos de afetos que foram discutidos durante a pesquisa. Dessa forma, optamos por trabalhar com o sentimento de admiração pelos ídolos do esporte; mais precisamente, analisaremos a construção discursiva desse sentimento em uma notícia publicada no portal eletrônico Globo.com

sobre a atuação do jogador espanhol Carles Puyol na vitória por 1 a 0 da seleção da Espanha sobre a Alemanha nas Semifinais do Mundial da Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), no dia 7 de julho de 2010.

Visão de jogo: para além das dicotomias

Uma das principais contribuições de Patrick Charaudeau (2006) para a compreensão do jornalismo é a sua percepção acerca da dupla visada, presente na interação de instância midiática e público. De um lado, a mídia informativa deve perseguir a visada de informação, que consiste em fazer saber ao cidadão o que aconteceu ou o que está acontecendo no mundo social, buscando estratégias que confirmem seriedade à instância produtora do discurso. Paralelamente, deve alcançar a visada de captação, que se orienta a seduzir o parceiro da troca comunicativa por meio da dramatização do relato e sobreviver, assim, à concorrência midiática. A princípio, a primeira visada estaria mais ligada à razão e a segunda à emoção.

Entretanto, em certo momento na trajetória do desenvolvimento de sua teoria, Charaudeau (2010) percebe que a relação entre as chamadas visadas de informação e de captação não deve mais ser compreendida como uma simples oposição. Se em etapas iniciais da teoria semiolinguística (CHARAUDEAU, 2006), informação e captação, razão e emoção, parecem concorrer entre si, ao propor um estudo sobre o *páthos*, o autor (CHARAUDEAU, 2010) complexifica a relação entre elas, afirmando, por exemplo, que o efeito emotivo de alguns programas de televisão só será possível se houver certa credibilidade em relação ao conteúdo relatado.

Partindo desse segundo momento teórico, deixamos de considerar a emoção como contraditória à seriedade e à credibilidade, mas como algo constituinte do discurso midiático, existindo de mãos dadas com a informação e, por conseguinte, com a razão. No caso de uma reportagem sobre a corrupção de congressistas, por exemplo, a exploração de efeitos de

autenticidade e verossimilhança – inicialmente ligados à visada de informação – certamente reforçará os sentimentos de frustração e indignação sugeridos ao leitor. E, no caso do jornalismo esportivo, que nos interessa particularmente, por mais sóbria que seja a cobertura da última derrota de um clube de futebol, ela provavelmente levará tristeza ao fiel torcedor dessa equipe e alegria aos indivíduos simpáticos ao time rival.

Evitando, portanto, a dicotomia Informação/razão vs. Captação/emoção, Charaudeau (2010) se põe a refletir sobre a abordagem mais adequada para a problemática das paixões no discurso. Para resolver essa questão de base, Charaudeau (2010) retoma um dos fundamentos mais essenciais da AD e afirma que a disciplina não se deve preocupar com a emoção efetivamente experimentada pelos sujeitos, mas com ela fazendo sentido numa situação de comunicação.

Em outros termos, trata-se de lidar com as emoções como um efeito possível e/ou visado pelos enunciados sociais, em função de seu contexto de circulação. Filiados à corrente teórica do autor, esperamos deixar claro que, sempre que falarmos em paixões, afetos ou emoções no discurso, estaremos tecendo reflexões a respeito de signos que poderiam, em função de determinada conjuntura, gerar algum tipo de afetividade, sem ter garantias de que essa afetividade realmente se dará junto à instância de recepção do discurso. Trata-se, insistimos, de tratar os sentimentos como um efeito possível.

A partir desse recorte sobre o processo linguageiro em que se comunicam as paixões e não sobre a forma como elas são vivenciadas pelo sujeito, acreditamos que não valeria a pena, neste momento, um esforço para diferenciar as noções de afeto, sentimento, emoção e paixão. Deixamos esse trabalho para os psicólogos e, para simplificar, optamos pelo uso dos termos *patemização* e *patêmico*, do grego *páthos*¹, para nos referirmos a tudo o que for relativo à dimensão afetiva do discurso.

¹ O termo *páthos*, bastante abrangente, engloba com relativa eficiência as noções de afeto, emoção, sentimento e paixão.

Esquema de jogo: instrumental de análise

Após propor um recorte para o estudo discursivo do *páthos*, Charaudeau (2010) se põe a esboçar um esquema para classificar o universo afetivo. Para isso, inspira-se claramente numa semiótica narrativa, relacionando as paixões aos esquemas narrativos de busca e à relação entre sujeitos e objetos. O autor, contudo, destorce o foco da análise patêmica para a dimensão situacional, projetando os esquemas de busca na relação entre enunciador e destinatário.

Assim, Charaudeau (2010) divide as emoções em quatro tópicos duplamente polarizadas. Cada uma delas com um lado positivo e eufórico, e outro negativo, disfórico:

- i. tristeza ↔ alegria;
- ii angústia ↔ esperança;
- iii. antipatia ↔ simpatia;
- iv repulsão ↔ atração.

O *páthos* da admiração, que nos interessa particularmente, estaria incluído na quarta dessas tópicos:

iv. repulsão ↔ atração: no lado disfórico, da repulsão, teríamos sentimentos como desgosto, aversão e desprezo, orientados a alguém que possui uma imagem negativa e/ou que já cometeu algum mal. No lado eufórico, da atração, teríamos a admiração, o maravilhamento e o encanto, voltados para o benfeitor. Os heróis e ídolos seriam exemplos de figuras inspiradoras dessas paixões.

Esquema tático: um jornalismo para apaixonados

Como já havíamos adiantado, acreditamos que a mídia esportiva é um terreno fértil para o estudo das paixões no discurso. E embora ainda sejam poucos os autores que façam uma análise mais sistemática dessa modalidade

mediática, é possível encontrar algumas hipóteses na obra de repórteres que relatam sua experiência profissional. É o caso do jornalista Paulo Vinícius Coelho (2004), que no livro **Jornalismo Esportivo**, constrói, com base em sua vivência de redação e na história dessa modalidade midiática, a associação entre a cobertura esportiva e as paixões dos interessados no assunto, sejam leitores ou jornalistas. Estes últimos muitas vezes seriam tão apaixonados quanto os leitores, optando por trabalhar na área graças a sua afinidade com o esporte.

Coelho (2004) relaciona a cobertura esportiva a relatos emocionados, citando desde casos de profissionais que abandonaram a profissão por não conseguirem controlar seu “lado torcedor”, até as crônicas futebolísticas de Nelson Rodrigues, que tendiam mais para o romance do que para o jornalismo.

Tendo em mãos o material de entrevistas com profissionais da área e uma pesquisa sobre a imprensa de outras épocas, o também jornalista Maurício Stycker (2009) levanta hipóteses semelhantes. Como vemos a seguir, ele demonstra que a tendência emotiva do jornalismo esportivo perdura até os dias atuais:

Por fim, vou analisar como este projeto editorial, calcado na “emoção” e num “universo muito próximo ao da ficção”, causou constrangimentos à equipe de jornalistas mais experientes convidada a integrar o projeto e dificultou o papel do próprio jornal na defesa de interesses políticos que estavam na base de sua criação... (STYCKER, 2009, pp. 169-170 – grifos nossos).

Partindo das contribuições de estudos como esses, nossa pesquisa de mestrado (JÁUREGUI, 2010) se dedicou a confirmar e complexificar tais hipóteses e afirmações por meio de um olhar discursivo para a imprensa esportiva. Ao todo, foram estudadas os *pathé* comunicados em 243 manchetes de jornais veiculados no estado de Minas Gerais durante o Campeonato Brasileiro de Futebol de 2008.

Neste trabalho, buscamos reaplicar a metodologia desenvolvida na pesquisa para refletir acerca da construção do *páthos* da admiração num relato sobre a atuação do zagueiro espanhol Carles Puyol nas semifinais da Copa de 2010.

Jogada ensaiada: um olhar socioantropológico

Em Jáuregui (2010), há um forte investimento teórico nas contribuições da sociologia e da antropologia para a compreensão do esporte. Duas razões moveram a busca por subsídios nessas disciplinas:

1) a escassez de trabalhos sobre a mídia esportiva de um ponto de vista discursivo;

2) a importância de se aliar a identificação de evidências linguísticas com uma ancoragem social, para se realizar uma Análise do Discurso propriamente dita, ao invés de uma mera descrição de um corpus.²

Embora seja comum certo desprezo em relação ao esporte nas ciências humanas como um todo, é possível perceber que as áreas da sociologia e a antropologia têm sido pioneiras em compreender a importância social do fenômeno, dedicando-se cada vez mais à compreensão de toda a complexidade que esse objeto apresenta.

E não são poucas as dimensões e perspectivas que o estudo social e antropológico do esporte pode tomar.³ Como não dispomos de espaço suficiente para nos aprofundar em cada uma delas, trataremos de apresentar resumidamente alguns caminhos para a pesquisa acerca desse objeto:

i. dimensão grupal: embora o esporte surja num mundo dividido em Estados Nacionais, não deixa de trazer em si elementos dos tradicionais clãs e/ou tribos, como, por exemplo, a identificação entre o indivíduo e o grupo, que

² Bakhtin (1992) já dizia que a utilização da língua estará sempre relacionada à “esfera da atividade humana” em que se insere a interação. Assim, acreditamos que qualquer trabalho voltado para o discurso deve buscar elos entre texto e sociedade, seja por meio de um diálogo com as ciências sociais, de uma cuidadosa contextualização histórica, ou mesmo de estudos de campo nos âmbitos da produção ou recepção.

³ Dentre os autores que fundamentaram este breve panorama traçado em Jáuregui (2010), podemos citar: DaMatta (2006); Daolio (2005); Franco Junior (2007); Garcia (2007); Helal (1990 e 2001); Huizinga (2004); Giulianotti (2002); Magnane (1969); Sevchenko (1994); Wisnik (2008).

tem seus próprios símbolos, até mesmo totens, como é o caso do mascote de uma equipe;

ii. dimensão agonística: ao mesmo tempo em que se trata de uma disputa higiênica em busca do rendimento, também carrega a simbólica da guerra, da disputa agonística e de uma violência que, por vezes, transforma estádios em palcos de brigas nada leais;

iii. dimensão lúdica: há uma grande diferença entre o Pelé disputando uma Copa do Mundo e o Pelé “batendo uma bola” com seus amigos. É inegável contudo, que o esporte é considerado uma atividade divertida e, que mesmo em competições oficiais, valoriza-se a figura do futebolista “moleque”, que “brinca” com a bola;

iv. dimensão comercial e secular: embora o esporte toque as mais diversas paixões, não se pode deixar de considerar a importância econômica dele, com seus contratos milionários e, por que não, sua interferência em questões políticas, o que fica explícito quando se decide a sede para as Olimpíadas ou para uma Copa do Mundo de Futebol;

v. dimensão heróica: os mesmos atletas profissionais remunerados para atuar por uma equipe podem se tornar heróis seguidos e adorados por multidões;

vi. dimensão mística e religiosa: o esporte é palco de superstições. Há técnicos que, por exemplo, preferem jogadores de um determinado signo e torcedores que acreditam que determinados rituais podem levar à vitória de seu time. Além disso, o esporte chega a produzir até deuses, como no caso extremo do futebolista argentino Maradona, que é cultuado pela Igreja Maradoniana com adeptos no seu país e na Itália.

Dentre estas dimensões do esporte estudadas em Jáuregui (2010), interessa-nos particularmente a dimensão heróica das personagens do mundo esportivo e, por conseguinte, a comunicação do *páthos* da “admiração (iv)”⁴ que se faz presente nos relatos esportivos desde os tempos de autores como

⁴ Como propomos no instrumental de análise, sempre que detectarmos a *patemização* de algum sentimento, indicaremos a tópica *patêmica* no qual ele se insere.

Nelson Rodrigues e Antônio Alcântara Machado até a cobertura futebolística atual.

Trata-se de um tipo de cobertura repleto de narrativas mágicas. Em **A dança dos deuses**, o historiador e estudioso do futebol Franco Júnior (2007) cita, por exemplo, uma atuação do futebolista Leônidas da Silva, no Mundial de 1938, nomeada pelo jornal **A Gazeta** como a “arte da bruxaria”, assim como a afirmação do jornal **The Times** de que o ponta-direita Stanley Matthews podia inesperadamente transformar ratos em cavalos em função de sua esplêndida performance na conquista do Campeonato Inglês de 1953.

Existe uma inegável semelhança no funcionamento do mundo esportivo e o mundo mítico-religioso, que Franco Júnior (2007) explica por meio de uma analogia entre o futebol e a cosmogonia grega: “se adaptarmos ao futebol a classificação dos seres proposta no século V a.C. pelo poeta grego Píndaro – deuses, heróis, humanos – os primeiros seriam os clubes, os segundos os jogadores e os terceiros os torcedores” (FRANCO J. 2007, p. 261).

Levando em conta tal analogia, dedicamo-nos, nas próximas linhas, ao estudo dos “heróis”: os jogadores. Mais precisamente, lançaremos nosso olhar para um relato sobre a atuação do zagueiro espanhol Carles Puyol no confronto das seleções da Espanha e Alemanha. Trata-se de um candidato a herói por ter logrado, apesar de sua baixa estatura, subir mais alto que os defensores adversários para converter o gol da classificação espanhola para a final do Mundial.

Sem pretensões quantitativas e nem o interesse de tecer afirmações gerais sobre o jornalismo esportivo, esperamos refletir, a partir de um exemplo retirado da cobertura do portal Globo.com, sobre a *patemização* da “admiração (iv)” direcionada ao que Charaudeau (2010 e 2008) chama de agente benfeitor.

Acreditamos que, no texto selecionado para análise, assim como em outras notícias de diferentes mídias sobre a vitória espanhola, é possível se ter um exemplo de como operações narrativas, articuladas com recursos descritivos como qualificações e designações, constroem a figura do herói esportivo, assim como o páthos da “admiração (iv)”.

Hora da decisão: nasce o herói

Vejamos a seguir a notícia publicada no portal Globo.com sobre a atuação de Puyol na partida contra a Alemanha:

08/07/2010 09:02 - Atualizado em 08/07/2010 09:02

Puyol, o patinho feio que pôs a Fúria na sua primeira final de Copa

Zagueiro de pouca estatura compensa com raça e bom senso de colocação para conquistar títulos pelo Barcelona e a seleção espanhola

Por GLOBOSPORTS.COM
Durban, África do Sul

 e dá sua nota

Dentro de um time com vários jogadores badalados tanto pelos fãs e comentaristas de futebol, como pelo público feminino, coube a um feioso e criticado zagueiro de cabelos desgrenhados marcar o gol que colocou a seleção da Espanha pela primeira vez numa final de Copa do Mundo. Carles Puyol, ídolo do Barcelona de 32 anos, brilhou na noite desta quarta-feira em Durban ao planar sobre adversários alemães e até companheiros de time e desferir o forte golpe de cabeça que fez o bom goleiro Neuer não ter reflexo suficiente para impedir que a bola tocasse sua rede, aos 28 minutos da segunda etapa.

No primeiro tempo, Puyol já havia feito um ensaio, só que com um voo rasante sobre a pequena área alemã após cruzamento de Iniesta da direita. Porém, naquele momento, a bola veio forte demais e acabou encobrindo a baliza defendida por Neuer. A consagração de um jogador repleto de troféus e medalhas, mas sempre como coadjuvante, viria um pouco mais tarde.

Com 1,78m de pura teimosia, como ele se define, o zagueiro catalão compensa sua baixa estatura com raça, bom senso de colocação e uma impulsão de impressionar. Na sua sala de troféus, o capitão do Barça tem dois títulos da Liga dos Campeões da Europa, três espanhóis e um Mundial Interclubes, e pela seleção espanhola conquistou a medalha de prata dos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, e foi campeão da Eurocopa, em 2008, em cima dos alemães.

Agora, Tazã, como também é apelidado, terá a chance de ajudar a Fúria a tirar de vez a pecha de "amarelona" e se tornar rei na África ao conquistar o inédito título mundial para a Espanha na primeira Copa disputada no continente dos safáris e das savanas.

Figura 1: O patinho feio na sua primeira final de copa
Fonte: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo>

A começar pelo título, é inegável a presença do arquétipo actancial do benfeitor. Graças a Puyol, o sujeito “Espanha”, ou mesmo os sujeitos

espanhóis, torcedores da Espanha e amantes do bom futebol, satisfazem seu desejo pela vitória e pela classificação. Como resultado, ocorre a inevitável produção de efeitos *patêmicos* relacionados à tópica da “alegria (i)” e também da “admiração (iv)” por aquele que possibilita a conjunção com o objeto vitória.

Principal causa, nessa notícia, dos efeitos relacionados à “admiração (iv)” a grandeza desse herói é potencializada por meio de operações descritivas, que, embora sejam em grande parte de cunho negativo, servem para a construção de um relato de superação.

É uma notícia repleta de qualificações referentes a uma imagem anterior desse Puyol, como um atleta de pouco destaque e um papel de coadjuvante nas conquistas dos clubes pelos quais passou. Algumas dessas qualificações seriam: “criticado”; “feioso”, “de cabelos desgrehados”; “patinho feio”, “1,78m de pura teimosia”, “de baixa estatura”, “coadjuvante”.

Ora, quem conhece minimamente futebol sabe que um dos atributos mais importantes na anatomia de um zagueiro - jogador que atua na defesa - é a estatura e um porte físico imponente. É ele que deve “batalhar” com os atacantes inimigos, defender o gol, que é o maior patrimônio de seu time, e subir mais alto do que os adversários quando bolas são levantadas dentro da área. Com tanta responsabilidade é natural que a atuação de alguém na posição com 1,78m seja questionada.

Nessa narrativa, contudo, todos os defeitos desse homem, servem principalmente para aumentar seu mérito. Como se não fosse bastante enfrentar a forte equipe alemã, ele tem de lutar contra seus próprios limites, superando-os com qualidades que todo zagueiro deve ter, mas que ele, Puyol, tem em maior intensidade: “senso de colocação”, “uma impulsão de impressionar” e “raça”, que no vocabulário futebolístico significa força de vontade. Isso sem contar que a “teimosia”, também atribuída a ele, deixa de ser um defeito. Afinal, se nosso herói tivesse desistido de disputar bolas aéreas em função de sua estatura, a Espanha poderia estar de fora de sua primeira final de Copa do Mundo.

Constrói-se, então, uma narrativa similar à da arquetípica batalha bíblica de Davi contra o gigante Golias. Apesar de ter sido inicialmente

questionado pelo rei Saul, Davi insistiu em enfrentar o guerreiro filisteu, conduzindo seu povo à vitória. Certamente, se ele não fosse apenas um jovem pastor, que não vestiu uma armadura de guerreiro por não estar acostumado a ela, a vitória do futuro rei dos israelitas não teria sido assim tão grandiosa.

Da mesma forma, o desacreditado Puyol poderá calcar o seu posto de rei, mesmo que seja apenas simbolicamente: “Agora, Tarzã (sic), como também é apelidado, terá a chance de ajudar a Fúria a tirar de vez a pecha de ‘amarelona’ e se tornar rei da África.⁵” (GLOBOESPORTE, 2010).

A análise do relato da vitória da Espanha sob o comando de Puyol pode nos levar, portanto, a conclusões semelhantes às de Jáuregui (2010), quando detectamos, no jornalismo esportivo, traços do gênero epidíctico, que segundo os estudos retóricos, tem como função a exaltação dos valores e o elogio ao que é virtuoso. Constrói-se, para o zagueiro, a imagem de um homem obstinado e valente, que não deixa de lutar em benefício de seu país e mesmo daqueles patrícios que não apostam em seu valor. É o que se vê desde o primeiro parágrafo da notícia:

Dentro de um time com vários jogadores badalados tanto pelos fãs e comentaristas de futebol, como pelo público feminino, coube ao feioso e criticado zagueiro de cabelos desgrehados marcar o gol que colocou a seleção da Espanha pela primeira vez numa final de Copa do Mundo. (GLOBOESPORTE, 2010).

Como não “admirar (iv)” alguém como Puyol, que, num momento decisivo, permitiu à Espanha algo nunca antes alcançado, como a final em um Mundial? É um homem que superou os limites de sua natureza e, com a capacidade sobre-humana de planar, levou o seu povo à vitória.

⁵ Gostaríamos de esclarecer que “Fúria” é uma das designações hipocorísticas dadas para a seleção Espanhola, em função de seu estilo ofensivo. Já o apelido “Tarzan” se deve à longa cabeleira desgrehada do nosso herói.

Melhores momentos

O exercício de análise apresentado neste artigo dá continuidade ao trabalho desenvolvido em pesquisa de mestrado (JÁUREGUI, 2010), que se propôs a compreender as paixões comunicadas pelo jornalismo esportivo, a partir de uma proposta interdisciplinar que articula contribuições de áreas como a AD e as ciências sociais.

Tendo isso em vista, endossamos a aposta de Jáuregui (2010) na fertilidade de um estudo mais aprofundado das paixões no jornalismo esportivo e, por que não, na mídia informativa como um todo. Deixamos de considerar a cobertura esportiva somente como uma modalidade jornalística mais apaixonada, mas também como uma porta de entrada para a compreensão do *páthos* no jornalismo. Perguntamo-nos, visando futuros trabalhos, se também não seria possível identificar a *patemização* da “admiração (iv)” numa notícia que relata o trabalho de um bombeiro responsável pelo salvamento de uma criança presa numa cisterna, assim como ocorre com o relato sobre o herói futebolístico.

Se voltarmos à notícia analisada neste trabalho, é possível perceber que aspectos táticos e técnicos do futebol não têm grande relevância nessa narrativa. Ela não questiona, por exemplo, o fato de mais de dois jogadores espanhóis estarem livres de marcação e em condições de cabecear no momento exato do gol⁶

Se levarmos esse questionamento até o jornalismo de política, por exemplo, até que ponto a compreensão integral de um complicado caso de corrupção recheado de grampos telefônicos é realmente relevante para a validação do contrato comunicacional proposto pela revista semanal? Não se

⁶ Jáuregui (2010) aponta a diferença entre uma cobertura direcionada a um destinatário simplesmente aficionado pelo esporte de uma cobertura direcionada a um destinatário que, além de aficionado, possui conhecimentos técnicos mais aprofundados sobre o assunto. Vale lembrar também que conhecer bem as regras e as estratégias de um esporte não significa necessariamente querer ter acesso a produtos de comunicação que privilegiam uma abordagem mais técnica sobre o assunto.

trataria apenas de um pretexto para que o leitor vivencie a indignação e se sinta um verdadeiro cidadão?

Gostaríamos de poder saber, em próximas etapas de nossas pesquisas, até que ponto outras modalidades jornalísticas são tão ou mais ou menos apaixonadas do que o jornalismo esportivo. E se também forem apaixonadas, quais são essas paixões e com quais esferas da atividade humana a *patemização* de cada um desses vários jornalisismos estaria relacionada? Tal empreitada pode ser repleta de surpresas.

Abstract

This article proposes to reflect on the construction of the admiration *páthos* directed to sportive heroes, giving sequence to a master research (JÁUREGUI, 2010) dedicated to the study of *patemização* in the sports news. Based on contributions of social sciences and on the proposal of Charaudeau (2010) for the discursive study of *páthos*, we try to understand how the heroic figure of the Spanish soccer player Carles Puyol and the admiration directed to him are constructed in an article published at Globo.com during the FIFA World Cup 2010.

Key-words: Discourse analysis; Heroes; Sports journalism; Passions.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CHARAUDEAU, Patrick. **O discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso**: modos de organização. São Paulo: Contexto, 2008.

CHARAUDEAU, Patrick. A *patemização* na televisão como estratégia de autenticidade. In :MACHADO, Ida ; MENDES, Emília. **As emoções no discurso**, v. II. Campinas, SP : Mercado das Letras, 2010.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DaMATTA, Roberto. Antropologia do óbvio: um ensaio em torno do significado social do futebol brasileiro. In: DaMATTA. **A bola corre mais que os homens**: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DAOLIO, Jocimar. A superstição no futebol brasileiro. In: DAOLIO, Jocimar (org.). **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

FERNÁNDEZ, Maria do Carmo L. O. **Futebol – fenômeno linguístico**: análise linguística da imprensa esportiva. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1974.

FONTANILLE, Jacques & GREIMAS, Algirdas J. **Sémiotiques des passions** - Des états de choses aux états d'âme. Paris: Éditions du Seuil, 1991.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

JÁUREGUI, Carlos. **Jogos de Paixão**: uma abordagem discursiva das emoções nos títulos do jornalismo esportivo mineiro. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Orientador: Wander Emediato.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GARCIA, Rui Proença. **Antropologia do esporte**. Rio de Janeiro: Shape Editora e Promoções Ltda, 2007.

GLOBOESPORTE. **Puyol, o patinho feio que pôs a Fúria na sua primeira final de Copa**. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo> Acesso em: 08 jul. 2010.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Braziliense, 1990.

HELAL, Ronaldo. Mídia, construção da derrota e o mito do herói. In: HELAL, Ronaldo, Soares, Antonio Jorge, Lovisolo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

MAGNANE, Georges. Sociologia do esporte. São Paulo: Perspectiva, 1969.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. In: **Revista USP: Dossiê Futebol**, São Paulo, n. 22, p. 10-17, 1994.

STYCER, Maurício. **História do Lance!**: projeto e prática do jornalismo esportivo. São Paulo: Alameda, 2009.

WISNIK. José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.